

# **SOFRIMENTO, MISERICÓRDIA E CARIDADE EM JUAZEIRO DO NORTE: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DAS EMOÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA SOCIABILIDADE**

*Roberta B. Carneiro Campos\**

## **SUMÁRIO**

Reflete socioantropologicamente sobre *Os Ave de Jesus*, grupo penitente e religioso da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará. Observa, através das emoções experimentadas e difundidas pelos integrantes desse grupo seguidor do padre Cícero, como os sentimentos morais levam a uma sociabilidade peculiar baseada em compaixão, misericórdia, caridade e sofrimento.

**Palavras-chave:** emoções, sociabilidade, cultura bíblica, Juazeiro do Norte, Jesus.

### **A caridade e Juazeiro do Norte**

Uma forte e longa tradição religiosa da prática da caridade no Sertão pode ser reconstituída. Já no século XIX, podemos encontrar referências a grupos de mendicantes, como os Serenos, e de líderes religiosos, como padre Ibiapina e Antônio Conselheiro, que não só pregaram como também praticaram a caridade e a mendicância. Padre Cícero, por sua vez, herda essa tradição religiosa, dando-lhe continuidade com as chamadas Casas de Caridade, outrora criadas por padre Ibiapina.

A Bíblia foi para padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e padre Cícero,

\* Doutora em Antropologia pela Universidade de St. Andrews (Reino Unido) e Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

e continua para muitos outros sertanejos, uma referência de sociabilidade. Uma forte imagem do Cristianismo Primitivo faz certamente parte da cultura local – se não como prática, ao menos como valor. Não é difícil reconhecer nos movimentos messiânicos de Canudos, Caldeirão e de Juazeiro do Norte imagens de pobreza voluntária, humildade, generosidade e hospitalidade. E eu estendo, aqui, para os penitentes, beatos, pedintes e romeiros de hoje essa herança cultural. Não estou, aqui, preocupada com uma prática religiosa por si só, mas com um modo de vida; mais precisamente, com os valores morais que fundam e sustentam esse modo de viver, pensar e agir. Estou, dessa forma, tratando a religiosidade sertaneja como uma manifestação cultural.

Melhor entendemos este quadro, se levamos em conta a idéia de uma Cultura Bíblica sugerida por Otávio Velho<sup>1</sup> para o modo de vida e pensamento dos sertanejos. Velho chama a atenção para a forte presença de imagens bíblicas no Sertão. As imagens bíblicas, de fato, perpassam a geografia e a história local; afinal, todos os eventos bíblicos, desde a criação, passando pelo nascimento e a crucificação de Cristo até o Segundo Testamento, aconteceram nas redondezas do Sertão. Para validação desta crença, são abundantes as “provas materiais” encravadas nas pedras, no relevo geográfico e nos eventos extraordinários da história local. Isto é tão forte que alguns acreditam viver em tempos bíblicos, como é o caso do grupo de penitentes Ave de Jesus<sup>2</sup>. Compondo o imaginário sertanejo, a Bíblia acaba por ser um complexo de símbolos e imagens que funciona como uma referência para o pensamento e a ação.<sup>3</sup> Neste artigo estarei incluindo uma outra dimensão oferecida pela Bíblia, além daquelas já apontadas por Velho<sup>4</sup>, qual seja, a Bíblia como modelo de sentir, como modelo afetivo.

A Bíblia, aqui entendida como referência para o pensamento, a ação e o sentimento, funda-se em sua função simbólica enquanto *exemplo* ou *modelo*.<sup>5,6</sup> Ora, o Antigo Testamento conta a esses sertanejos histórias de povos que passaram dificuldades advindas de se viver numa área seca e desértica e, também, os modos que esses povos utilizaram para superar tamanha adversidade. E no enfrentamento dessas situações, uma das mensagens que mais se salientam no texto bíblico são histórias de mutualismo, de hospitalidade e de compartilhamento. Ao mesmo tempo que generosidade, gentileza, humildade, misericórdia e sofrimento são alguns dos sentimentos ensinados, a competição, a inveja e o egoísmo são os sentimentos fortemente rejeitados. Dessa forma, temos de um lado o

elogio e a glorificação dos sentimentos que reforçam os laços comunitários, e, de outro, a condenação dos sentimentos 'individualistas'. Não é difícil perceber, então, um modelo de relações morais e sociais, ou melhor, um modelo de sociabilidade comunicada através de sentimentos morais.

E acontece que, entre os Ave de Jesus – grupo de penitentes que vive sob o voto da pobreza e tem na mendicância sua principal atividade ritual e de sobrevivência –, esses valores morais revelam-se e se realizam em sentimentos como sofrimento, compaixão, misericórdia, humildade, generosidade, etc. A comunidade dos Ave de Jesus é uma comunidade de mendicantes que sobrevive através da misericórdia do mundo, mas também acredita nutrir e despertar o coração dos homens para a compaixão e o Amor de Deus através da prática da caridade. A importância dos sentimentos morais e das emoções é central para se compreender a forma de vida desses penitentes. Sentimentos esses extensamente dramatizados, exibidos, e exaltados em Juazeiro do Norte.

Um grande número de estudos sobre Juazeiro do Norte tem sido feito ao longo dos anos; no entanto, raros são os estudos que deram atenção às emoções e aos sentimentos. Fato este que me causa curiosidade e estranheza, pois emoção é algo que ostensivamente pertence ao fenômeno de Juazeiro do Norte. Além do fato de a emoção fazer parte da moralidade, da estética e dos valores, Juazeiro está embebida por uma estética particular que é constituída e também constitutiva de certos valores morais e religiosos.<sup>7,8</sup>

É significativo que Juazeiro seja um santuário religioso e como tal é cenário da dramatização do sofrimento. Uma vez em Juazeiro, é possível testemunhar o sofrimento do outro. Nas penitências, nos ex-votos, na mendicância tão marcadamente presente e na dureza da geografia local pode-se ver, fisicamente falando, um forte sentimento de compaixão, compadecimento e misericórdia que perpassa toda Juazeiro do Norte. É um momento em que gente muito pobre dá esmolas a penitentes e pedintes comuns. Um momento em que comunidades de penitentes oferecem uma refeição e uma rede para um romeiro passar a noite. Uma rede de fraternidade parece surgir, sendo a compaixão, o Amor de Deus, comunicado em cada ato de gentileza e hospitalidade. Tudo isso é entendido como belo e verdadeiro, e nesse espaço onde verdade e beleza não têm fronteiras, a evidência da sacralidade da Terra da Mãe de Deus representada por Nossa Senhora das Dores, Mãe e Misericórdia de todos nós, é suplicada. Estamos, então, diante de um cenário onde a verdade e a moral passam pela estética e pelos sentimentos.

## O que as emoções podem nos dizer?

Estou finalmente chegando à discussão do debate do que afinal as emoções podem nos dizer. Meu interesse, aqui, é salientar o fato de que, usando emoções ou palavras de emoções para explicar eventos históricos e pessoais, nós estamos ao mesmo tempo atribuindo valores a situações e atitudes e julgando e justificando esses mesmos eventos e situações. Ou seja, estou salientando a importância do entendimento das emoções para a compreensão da negociação e construção da realidade social. Assim, não estou procurando o que causa uma emoção, mas como os indivíduos interpretam situações e organizam suas ações através de um *vocabulário emocional*. Citando Riviera apud Lutz:

Seria incorreto dizer que uma situação causa uma emoção ou que uma emoção causa a percepção de uma situação. Seria mais correto dizer que a situação é sempre interpretada por uma emoção.<sup>9</sup>

Estou falando, aqui, daquela dimensão onde as palavras de emoções, a ordem moral e o contexto social estão interligados, já extensamente discutida por Robert Solomon e Paul Heelas. Ou seja, as pessoas dão entendimento ao que sentem através da fala sobre emoções que, por sua vez, estão ligadas à moral. Em outras palavras, nós aprendemos a sentir apropriadamente e entendemos o que sentimos através do reconhecimento de situações particulares. Isto porque as emoções não são meros estados internos, mas envolvem objetos externos (nós amamos alguém, somos orgulhos de alguém ou de alguma coisa, etc.). O que sentimos depende do julgamento e da interpretação que fazemos de uma situação ou experiência. Ao mesmo tempo, as situações são descritas através de um vocabulário emocional (revoltante, vergonhoso, odioso, prazeroso, respeitoso, piedoso, misericordioso, etc.).<sup>10,11</sup> Como Robert Solomon argumenta, as emoções são uma espécie de julgamento, um julgamento moral. E como argumenta Solomon<sup>12</sup>, as emoções enquanto julgamento têm uma dimensão cognitiva e fazem parte do pensamento (*reasoning*).

Mas será que sentimentos são unicamente expressos numa linguagem? Não podem as emoções ser expressas nas ações? Essas são as perguntas colocadas por Kenny.<sup>13</sup> De fato, como nos diz Kenny, nós não só sentimos e falamos sobre emoções, mas agimos a partir delas.

Kenny não tem nenhuma intenção em afirmar que uma ação é precedida de uma emoção em particular. No entanto, eu gostaria de apontar para a sugestão de David Hume de que a razão sozinha não produz ação – ao menos a maioria das ações<sup>14</sup> e particularmente aquelas que são religiosas e esteticamente motivadas.

## Palavras, sentimentos morais e sociabilidade

De fato, o discurso do sofrimento e da misericórdia também pode envolver os indivíduos ativamente em práticas sociais. Não é muito lembrar a grande capacidade que esses sertanejos têm para se organizar de maneira bastante eficiente e produtiva, tendo sentimentos morais como referência para a criação de sua sociabilidade. De fato, a solidariedade tem sido apontada como elemento característico de movimentos messiânicos no Sertão.<sup>15,16,17</sup> Bom exemplo disto é a comunidade messiânica de Caldeirão que socorreu retirantes durante uma das mais terríveis secas no Sertão.<sup>18,19</sup> É importante salientar o caráter ‘externo’ desta solidariedade no sentido de que a ajuda, a fraternidade, a hospitalidade e a generosidade atravessam as fronteiras de pertença social ao grupo. Mesmo sendo entendidos como irracionais, os integrantes dessa comunidade mostraram não só ser capazes de estocar grãos para enfrentar uma eventual seca e garantir a sobrevivência do grupo, como ajudaram aqueles com os quais não tinham vínculos comunitários ou sociais. Tinham certamente um outro vínculo comunitário, mas de uma natureza religiosa e moral fundado na fraternidade através da qual somos todos irmãos e irmãs. E tudo isto pelo Amor de Deus. Dessa forma, as emoções e os sentimentos podem sim estar do lado da ordem e da ação e constituir e tecer o social.

Quero, aqui, chamar a atenção nesta discussão da emoção e ação para o enfoque teórico-metodológico deste meu trabalho. Não procurarei na estrutura social ou numa estrutura inconsciente as razões ou os mecanismos da produção da sociabilidade. Bateson em um dos livros pioneiros do que poderíamos chamar de Antropologia das Emoções, *Naven*<sup>20</sup>, chama a atenção para o grau insatisfatório das explicações encontradas na estrutura ou na pragmática social. Diz ele que parte da vida social escapa a essas dimensões, sendo necessário que ao lado dessas levemos em conta o *ethos* e as motivações individuais. Aponta para o fato de que a cultura acaba por estandardizar as reações emocionais dos indivíduos e modifica a organização de seus sentimentos; e assim, talvez, possamos evocar os sentimentos individuais para explicar a cultura.

Meu argumento teórico também se localiza na retomada das discussões dentro das ciências sociais e filosofia moral do que seria afinal as bases da vida social.<sup>21, 22, 23, 24</sup> Godelier chama a atenção para o fato de que a nossa sociedade prospera à custa de um permanente déficit de solidariedade; ou seja, através da competição, exploração e exclusão. Assim, as mesmas ações que levam ao progresso levam também ao colapso social. Por outro lado, ao mesmo tempo em que nós temos testemunhado a falência do *Estado do bem-estar social*, vemos uma crescente expansão do setor não lucrativo financiado por agências filantrópicas, ONGs, etc. Para Godelier, caridade pode ser novamente, como já foi no passado<sup>25</sup>, uma condição necessária para a regeneração da sociedade. Godelier coloca caridade fora da categoria da troca e do cálculo-utilitário. Obviamente, ele não está negando que a troca seja parte constituinte da sociedade, mas como ele mesmo lembra, “os seres humanos vivem em sociedade mas eles precisam produzir a sociedade em que vivem”. Godelier está aqui argumentando contra Lévi-Strauss, com e para além de Marcel Mauss. A troca pode ser parte da vida social, mas a vida social não se reduz a uma questão de reciprocidade.<sup>26</sup> Existem elementos no sistema de relações sociais que dependem e são sustentados por valores que não estão necessariamente associados à negociabilidade encontrada na reciprocidade. Em suas próprias palavras:

... there are things in the human social domain which are not governed by contract, which are not negotiable, which are located outside or beyond the domain of reciprocity. Whether in the sphere of kinship or of politics, there is always, in every human activity if it is to become constituted something that precedes exchange and in which exchange takes root, something that exchange both alters and preserves, extends and renews at the same time.<sup>27</sup>

A pergunta, então, é como as pessoas produzem sociedade e modos de sociabilidade. Ao mesmo tempo se reconhece que desejos e emoções são importantes elementos na construção dessas sociabilidades.

Em Stanley Tambiah<sup>28</sup>, podemos encontrar uma forte argumentação de que os conceitos religiosos não são nem explicações erradas nem elementos irrelevantes, mas que, em verdade, eles fazem parte do processo social da fabricação da realidade em termos de práticas sociais. Tambiah<sup>29</sup>, Godelier<sup>30</sup> e Jonathan Parry<sup>31</sup> também argumentam

que a importância sociológica e antropológica das crenças e conceitos religiosos não está só na fabricação da realidade e da verdade, mas também como parte de um complexo de práticas. Os conceitos religiosos, neste sentido, não estão reduzidos ao discurso. Ao contrário, eles se realizam na ação dos indivíduos; ou seja, o conteúdo dos conceitos religiosos consiste de práticas em que eles estão envolvidos.

Estou argumentando que, talvez, possamos encontrar nas categorias nativas como caridade, compaixão e misericórdia mais do que elementos ideológicos, distorcedores do real e escamoteadores de relações de interesse. Talvez, ao invés, possamos encontrar modos de como os indivíduos se relacionam uns com os outros e acabam tecendo, assim, o social e modos de sociabilidade. Roberto DaMatta<sup>32</sup> chama a atenção, em sua *Antropologia da Saudade*, para como uma palavra de emoção ou sentimento, torna-se uma categoria sociológica. Saudade, no entender de DaMatta, seria a tônica do *ethos* e da configuração do povo brasileiro, sendo o veículo de um complexo de idéias e uma instituição social, tomando-se a própria realidade da idéia que exprime. Inspirado por Austin (*How to do things with Words*) sugere que saudade, entendida como categoria sociológica, torna-se coisa, ganha agência e assim cria e modifica a realidade. Em suas próprias palavras

São, como disse, *palavras performativas* que têm a capacidade de juntar significante e significado e possuem a rara capacidade de provocar coisas, transformando-se elas próprias em ação, como ocorre com os conceitos clássicos de mana, glamor, carisma, orenda, hau, etc.<sup>33</sup>

A sugestão de DaMatta assemelha-se à idéia de emoção como *embodiment* em Michele Rosaldo<sup>34</sup>, em seu estudo sobre pesar e luto entre caçadores-de cabeça. Sentir, pensar e agir tanto em Rosaldo como em DaMatta são tomados de forma integrada.

E eu estarei aqui tentando demonstrar como os Ave de Jesus criam sua sociabilidade. Estarei argumentando que eles a fazem através de sentimentos morais. Estou, assim, buscando perceber as relações entre sentimentos e valores morais e a ação dos indivíduos.

## **Sufrimento, fraternidade e sociabilidade**

Imagens de sofrimento e sua relação com a pobreza e solidariedade são certamente elementos altamente pertinentes aos grupos de penitentes

de Juazeiro. A fim de que possamos entender a sociabilidade dos Ave de Jesus e sua alta valorização do sofrimento, pobreza e generosidade, nós temos que levar em consideração sua moralidade. É preciso compreender que a mendicância e a caridade em Juazeiro têm significado e, possivelmente, conseqüências diferentes daquelas situadas num contexto mais “moderno”. De fato, em Juazeiro as esmolas continuam sendo pedidas em nome de Deus, e em nome dEle também agradecidas. Situação bem diversa da mendicância praticada nos grandes centros urbanos, quando o pedinte pede e suplica nos dando sua condição social como legitimação (desemprego, doença, abandono, número de filhos para criar, etc.) e é em nome de uma justiça social que concedemos, talvez, uma esmola. Assim, apesar de em ambos os casos a mendicância ser uma forma de sofrimento social, a experiência de mendigar ganha significados diferentes e envolve práticas diferenciadas. Os sentimentos em questão certamente são os mesmos (humilhação, sofrimento, piedade, etc), mas também é certo que os significados desses sentimentos assumem diferentes contornos e sombras. Em um a humilhação e o sofrimento são rejeitados e até mesmo insuportáveis; no outro, desejados. Não só desejados, mas motivos de orgulho pois fundam toda uma moralidade, um modo de ser e de sentir.

Falei aqui de conceitos religiosos ligados a sentimentos morais e de sua possível relação com práticas sociais. O conceito aqui é *caridade*, o Amor de Deus envolvido com emoções e sentimentos como sofrimento, compaixão e misericórdia. Olhando no *Cruden's Complete Concordance to the Bible*, achei as seguintes definições para caridade:

- 1) Amor Cristão ou benevolência
- 2) Amor, boa vontade
- 3) Boa vontade para com os pobres, portanto, esmolas. A palavra caridade é apenas usada no Novo Testamento. Desde que caridade ficou restrita na linguagem comum ao último significado mencionado acima, nas versões revisadas passou a ser traduzida como *amor*.

Caridade certamente vai além das esmolas. Definida como amor e benevolência, parece que caridade engloba uma maneira de ser no mundo. É certamente uma maneira de ser que os Ave de Jesus querem comunicar quando saem na mendicância. Não é muito lembrar que esses penitentes vivem em uma área que passa por grandes períodos de seca que acarreta um dos mais terríveis flagelos sociais: fome, humilhação e desespero. Ao



lado disso, penitentes infligem em si mesmos sofrimento físico em nome do Amor de Deus. Retirantes, penitentes e romeiros clamam por compaixão. Ao que parece, sofrimento e solidariedade compõem o cenário do que o amor significa para esses indivíduos.

O que estou querendo apontar é que é o sofrimento que possibilita misericórdia e compaixão. A imagem do sofrimento de Cristo tem papel organizador fundamental na vida desses indivíduos, sendo seus próprios sofrimentos entendidos como uma *via crucis*. E para entender isso, uma Ave de Jesus me contou um caso:

Um homem um dia disse para Padinho Ciço: Meu padinho, eu nunca senti uma dor. E Padinho Ciço respondeu: Ah, meu filho, você nunca ajudou Cristo a carregar a cruz.

Para haver amor é preciso sofrimento. E por isso eles dizem *Infinita é a bondade do Senhor que dá a dor e a fome para a tua redenção* e eles também dizem *Oh Deus, tende piedade de nós!*

É na performance do sofrimento que se criam e cultivam os sentimentos morais da generosidade, solidariedade, misericórdia e compaixão. Esses são os sentimentos que fazem os romeiros e todos os devotos do padre Cícero pensarem estar numa terra Sagrada quando visitam Juazeiro do Norte. Todas essas imagens são recriadas e performadas pelos Ave de Jesus quando saem na mendicância. Sempre vestidos com as cores da Mãe das Dores, azul e branco, com chapéus de palha e cajado na mão, saem diariamente para lembrar as dores de Nossa Senhora. E se autoneameiam pedintes, *pilidrinos* e *pidões*.

Curiosamente, a atividade da mendicância é por eles chamada de “Roça da Mãe de Deus”, também dita Mãe de Misericórdia. Não aceitam dinheiro ou dizem o que gostariam de receber quando mendigam. Como eles mesmos dizem, o que ganham na ‘Roça da Mãe de Deus’ vem pelo Amor de Deus. Essa atividade é performada diariamente independente do estoque de comida já acumulado. A idéia é que, através da performance do sofrimento de Cristo, eles são capazes de mudar os indivíduos moralmente. Transformando o coração egoísta e indiferente em caridoso e benevolente, eles estão salvando suas almas. Mas o que eu estou dizendo com isso? Que no final das contas tudo não passa de uma troca pela salvação da alma? Bem, pessoalmente não estou interessada nas conseqüências *post mortem* dessa prática religiosa, mas que, mais

importante do que essa reciprocidade soteriológica, nós encontramos uma sociologia da solidariedade e generosidade.

## **Conclusão**

Caridade não é apenas um conceito religioso, mas é parte de uma prática social fortemente enraizada na cultura de Juazeiro do Norte. Dor e sofrimento são precondições para a realização dessa moral e do desenvolvimento da subjetividade cristã; ou seja, o modo de ser no mundo, piedoso, caridoso e misericordioso. É isso que os Ave de Jesus querem lembrar e nutrir naqueles que parecem esquecidos. A caridade é sentida no coração e é a forma de como esses indivíduos se reproduzem socialmente e biologicamente. É modo de pensar, agir e sentir.

## **Referências bibliográficas**

- <sup>1</sup> VELHO, O. *Besta-fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- <sup>2</sup> CAMPOS, R. B. C. *When Sadness is Beautiful: a study of the place of rationality and emotions within the social life of the Ave de Jesus*. Ph.D. thesis, Department of Social Anthropology, St. Andrews University, 2001.
- <sup>3</sup> VELHO, op. cit.
- <sup>4</sup> Ibid.
- <sup>5</sup> GOODMAN, N. *Ways of Worldmaking*. Sussex: The Harvester Press, 1978.
- <sup>6</sup> DOUGLAS, M. & HULL, D. *How classification works: Nelson Goodman among the Social Sciences*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.
- <sup>7</sup> LEITÃO, C. *Por uma ética da estética: uma reflexão acerca da “Ética Armorial” Nordestina*. Universidade Estadual do Ceará: Fundação Demócrito Rocha, Reata Engenharia, 1997.
- <sup>8</sup> SUASSUNA, A. *A onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a Cultura Brasileira*. Recife, 1976. Tese Livre-Docência-UFPE.
- <sup>9</sup> LUTZ, C. *Unnatural emotions, everyday sentiments on a micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: Chicago University Press, 1988. p. 210.
- <sup>10</sup> HEELAS, P. Emotion talk across cultures. In: HARRÉ, R. (Ed.). *The Social Construction of Emotion*. New York: Basil Blackwell, 1986. p. 234-266.
- <sup>11</sup> CAULHOUN, C.; SOLOMON, R. *What is an emotion?* New York & Oxford: Oxford University Press, 1984.

- <sup>12</sup> SOLOMON, R. Emotions and Choice. In: RORTY, A. (Ed.). *Explaining Emotions*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- <sup>13</sup> KENNY, A. *The Metaphysics of Mind*. Oxford: Clarendon Press, 1989.
- <sup>14</sup> STROUD, B. *Hume*. London, Henley & Boston: Routledge & Kegan Paul, 1977.
- <sup>15</sup> CALASANS, J. Solidariedade, sim; igualdade, não. Aspectos controvertidos no episódio de Canudos. In: BLOCH, D. *Canudos 100 anos de produção*. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1997.
- <sup>16</sup> ANDERSON, J. C. *The Caldeirão Movement: a case study in Brazilian Messianism 1926-1938*. The George Washington University – Ph.D. 1970.
- <sup>17</sup> DELLA CAVA, R. *Miracle at Joazeiro*. New York & London: Columbia University Press, 1970.
- <sup>18</sup> ANDERSON, op.cit.
- <sup>19</sup> DELLA CAVA, op. cit.
- <sup>20</sup> BATESON, G. *Naven*. Stanford: Stanford University Press, 1958.
- <sup>21</sup> GODELIER, M. *The Enigma of the Gift*. Chicago: The University of Chicago, 1999.
- <sup>22</sup> OVERING, J. Wandering in the Market and the Forest: An Amazonian Theory of Production and Exchange In: DILLEY, R. (Ed.). *Contesting Markets: analyses of Ideology, Discourse and Practice*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.
- <sup>23</sup> Idem. Elogio do Cotidiano: a confiança e arte da vida social em uma comunidade Amazônica. *Mana*, v. 5, n. 1, p. 81-107, 1999.
- <sup>24</sup> GODBOUT, J. T. *O Espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- <sup>25</sup> Critchlow & Parker (1998) chamam atenção para a influência da caridade religiosa no desenvolvimento de políticas públicas do Estado do Bem-Estar Social no livro *With us Always – a History of Private Charity and Public Welfare*.
- <sup>26</sup> Existe uma forte tendência nas Ciências Sociais em entender reciprocidade como troca. É contra essa concepção que alguns autores têm se posicionado. Dentre eles, M. Godelier (1999) e J. Overing (1992) são bons exemplos. A idéia de uma reciprocidade que não envolva o cálculo utilitário e egoísta, mas que seja motivada por valores morais e virtudes como a generosidade e o compartilhamento é a base da argumentação desses trabalhos. Ver também “When Sadness is Beautiful” (Campos, 2001).
- <sup>27</sup> GODELIER, op. cit., p. 36.
- <sup>28</sup> TAMBIAH, S. *Magic, Science, Religion, and the Scope of Rationality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- <sup>29</sup> Ibid.

<sup>30</sup> GODELIER, op. cit.

<sup>31</sup> PARRY, J. The Gift, the Indian gift and the 'Indian gift'. *Man* (n.s.) 221, 453-73, 1985.

<sup>32</sup> DAMATTA, R. Antropologia da Saudade. In: *Conta de Mentiroso*; sete ensaios de Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>34</sup> ROSALDO, M. *Knowledge and Passion: Ilongot Notions of Self & Social Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

## **Bibliografia**

ANDERSON, J. C. *The Caldeirão Movement: a case study in Brazilian Messianism 1926-1938*. The George Washington University – Ph.D. 1970.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words* (The William James lectures delivered at Harvard University in 1955). London: Oxford University Press, 1962.

BATESON, G. *Naven*. Stanford: Stanford University Press, 1958.

BLOCH, M.; PARRY, J. *Death and Regeneration of Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *Money and the morality of exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

CALASANS, J. Solidariedade, sim; igualdade, não. Aspectos controvertidos no episódio de Canudos. In: BLOCH, D. *Canudos 100 anos de produção*. Fonte Viva, Paulo Afonso, 1997.

CAMPOS, R. B. C. *When Sadness is Beautiful: a study of the place of rationality and emotions within the social life of the Ave de Jesus*. Ph.D. thesis, Department of Social Anthropology, St. Andrews University, 2001.

CAULHOUN, C.; SOLOMON, R. *What is an emotion?* New York & Oxford: Oxford University Press, 1984.

CONSORTE, J. G.; NEGRÃO, L. N. O Messianismo no Brasil Contemporâneo. *Religião e Sociedade Brasileira*, v. 1, 1980. FFLCH/USP-CER.

CRUDEN, A. (nd) *Cruden's Complete Concordance to the Bible*. Cambridge: Lutterworth Press.

DAMATTA, R. Antropologia da Saudade. In: *Conta de Mentiroso*: sete ensaios de Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DELLA CAVA, R. *Miracle at Joazeiro*. New York & London: Columbia University Press, 1970.

DE SOUSA, R. *The Rationality of Emotion*. Cambridge. MIT Press, 1987.

DOUGLAS, M.; HULL, D. *How classification works*: Nelson Goodman among the Social Sciences. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.

GODBOUT, J.T. *O Espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, M. *The Enigma of the Gift*. Chicago: The University of Chicago, 1999.

GOODMAN, N. *Ways of Worldmaking*. Sussex: The Harvester Press, 1978.

HARRÉ, R. *The Social Construction of Emotion*. New York: Basil Blackwell, 1986.

HEELAS, P. Emotion talk across cultures. In: HARRÉ, R. (Ed.). *The Social Construction of Emotion*. New York: Basil Blackwell, 1986. p. 234-266.

JAMES, W.; ALLEN, N. (Ed.). *Marcel Mauss, a Centenary Tribute*. New York & Oxford: Berghahn Books, 1998.

KENNY, A. *The Metaphysics of Mind*. Oxford: Clarendon Press, 1989.

LEITÃO, C. *Por uma ética da estética: uma reflexão acerca da "Ética Armorial" Nordestina*. Universidade Estadual do Ceará: Fundação Demócrito Rocha, Reata Engenharia, 1977.

LUTZ, C. *Unnatural emotions, everyday sentiments on a micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: Chicago University Press, 1988.

OVERING, J. Wandering in the Market and the Forest: An Amazonian Theory of Production and Exchange. In: DILLEY, R. (Ed.). *Contesting Markets: analyses of Ideology, Discourse and Practice*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. Elogio do Cotidiano: a confiança e arte da vida social em uma comunidade Amazônica. *Mana*, v. 5, n. 1, p. 81-107, 1999.

PARRY, J. The Gift, the Indian gift and the 'Indian gift'. *Man* (n.s.) 221, 453-73.

ROSALDO, M. *Knowledge and Passion: Ilongot Notions of Self & Social Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

SILBER, I. Modern philanthropy: reassessing the viability of a Maussian perspective. In: JAMES, W.; ALLEN, N. (Ed.). *Marcel Mauss, a Centenary Tribute*. New York & Oxford: Berghahn Books, 1998.

SOLOMON, R. Emotions and Choice. In: RORTY, A. (Ed.). *Explaining Emotions*. Berkeley: University of California Press, 1984.

STEIL, C. A. *O Sertão das Romarias*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STROUD, B. *Hume*. London, Henley & Boston: Routledge & Kegan Paul, 1977.

SUASSUNA, A. *A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a Cultura Brasileira*. Recife, 1976. Tese Livre-Docência-UFPE.

TAMBLIAH, S. *Magic, Science, Religion, and the Scope of Rationality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *Culture, Thought, and Social Action*. Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press, 1985.

TESTART, A. Uncertainties of the 'obligation to reciprocate': a critique of Mauss. In: JAMES, W.; ALLEN N. (Ed.). *Marcel Mauss: a Centenary Tribute*. New York & Oxford: Berghahn Books, 1998.

VELHO, O. *Besta-Fera: Recriação do Mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

### ABSTRACT

*Suffering, Mercy, and Charity in Juazeiro do Norte: An Anthropological View of Emotions in the Construction of Sociability.*

The article considers, in a sociological and anthropological perspective, the *Ave de Jesus*, penitent and religious groups of Juazeiro do Norte, a countryside city in the State of Ceará, Brazil. Notices, through the emotions of the members of that group, followers of *Padre Cícero* (Father Cícero), the way the moral feelings lead to a peculiar sociability grounded on compassion, mercy, charity, and suffering.

**Key words:** emotions, sociability, Bible culture, Juazeiro do Norte.

### RÉSUMÉ

*Souffrance, miséricorde et charité à Juazeiro do Norte: une vision anthropologique des émotions dans la construction de la sociabilité.*

Se plaçant sur le plan socio-anthropologique, à propos des *Ave de Jesus*, un groupe de pénitents et de religieux de la ville de Juazeiro do Norte, dans l'état du Ceará, l'auteur observe, à travers les émotions expérimentées et diffusées par les intégrants de ce groupe partisan du Père-Cícero, comment les sentiments moraux conduisent à une sociabilité particulière, fondée sur la compassion, la miséricorde, la charité et la souffrance.

**Mots-clés :** émotions, sociabilité, culture biblique, Juazeiro do Norte, Jésus.